

RESENHA

UTOPIÁS. ANTIGUOS Y NUEVOS SUEÑOS

VIDAL, Dominique (Ed.). *Utopías. Antiguos y nuevos sueños*. Santiago de Chile: Editorial Aún Creemos en los Sueños, 2010.

Marilândes Mól Ribeiro de Melo*
Filomena Gossler Rodrigues da Silva**

Utopías. Antiguos y nuevos sueños, editado por Dominique Vidal no ano de 2010, constitui-se em uma obra que reúne oito pequenos artigos que, se em extensão são sucintos, o mesmo não o podemos dizer quanto à densidade de reflexão. Os autores dirigem seus pensamentos para distintas perspectivas aproximadas por um propósito: a necessidade de que o homem nunca pare de sonhar, de projetar utopias, de buscar o futuro.

Vidal expõe o paradoxo do neoliberalismo que, proporcionalmente ao volume de tudo o que produz, paralelamente gera dualidades (as riquezas/as pobreza; a especulação/a crise). Se por um lado o neoliberalismo expõe diariamente suas derrotas e crises, por outro, o sistema ainda resiste. Assinala o autor que a queda do muro de Berlim significou o fim do campo socialista e a vitória do capitalismo, e que a ruína do comunismo francês era esperada por alguns como a reafirmação da ideia implantada pelo socialismo e o retorno da utopia. O autor destaca que todos os povos, do norte ou do sul, estão órfãos de um ideal. Em vez de lutar pela expansão de seus direitos sociais, concentram seus esforços na manutenção daqueles já existentes.

Defende que, sem um ideal, os debates sociais carecem de alma e alternativa. A crise de alternativa é gerada pela debilidade das forças de mudança; pela

* Mestre e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC); Escola de Educação Básica Padre Anchieta, Secretaria de Estado da Educação; Rua Rui Barbosa, n. 152, Agronômica; 88025-301, Florianópolis, SC – Brasil; marilandesmel@bol.com.br

** Mestre em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e docente no Instituto Federal Catarinense – *Campus* Videira; Instituto Federal Catarinense - *Câmpus* Videira, Instituto Federal Catarinense – *Campus* Videira; Rodovia SC, 303, Km 5, Campo Experimental; 89560-000 – Videira, SC – Brasil; filomena.silva@ifc-videira.edu.br

pobreza das suas propostas e frieza de seus programas. As debilidades nascem da incapacidade da encarnação de uma utopia. Para o autor, se as grandes utopias se nutrem das pequenas, são também capazes de ocultá-las. Ao encerrar suas reflexões, Vidal rememora palavras de Eduardo Galeano e reafirma que a utopia está no horizonte, sempre adiante dos nossos passos. Por mais que caminhemos, nunca a alcançamos, mas sua função é nos impelir a caminhar.

Ignácio Ramonet, em seu texto *Necessidade de Utopia*, declara que “o comunismo não causa mais medo” e que “o capitalismo passou à ofensiva” (2010, p. 11). Essa afirmação emerge a partir da reflexão sobre marcos históricos, como o Manifesto Comunista, a Revolução de 1948, a rebelião do maio de 1968 e queda do muro de Berlim. Ramonet (2010, p. 11) lança uma provocação: “o que podemos pensar diante da arrogância do capital?”. Para o autor, as ilusões caíram por terra e o neoliberalismo emerge como o grande vencedor, impondo sua própria utopia como um pensamento único para toda a terra por meio da globalização. O neoliberalismo reduz o papel dos agentes públicos e promove o incremento das desigualdades que conduzem “à perda de sentido do viver juntos, e de bem comum” (RAMONET, 2010, p. 11). Tais afirmações induzem ao questionamento de como conceber o futuro e expressam que é preciso outra utopia que provoque uma racionalização nova do mundo, visto que existe

Necessidade de sonhadores que pensam e de pensadores que sonham, para encontrar, não um projeto acabado, acondicionado e perfilado de sociedade, mas uma forma de ver, de analisar a sociedade, permitindo definitivamente por meio de uma nova ideologia, o fim da ideologia anarco-liberal. (RAMONET, 2010, p. 15).

Ignácio Ramonet afirma que é preciso ter audácia e arriscar passos e pensamentos para fundar uma ética do futuro em caminhos ainda não transitados.

“Outro mundo é possível: nossa utopia contra a deles” é o texto no qual Serge Hamili faz a afirmação de que há possibilidade de outro mundo. Ele declara que todo o progresso humano ocorreu com a realização de uma utopia. O neoliberalismo também é a concretização de uma utopia para seus defensores, já que eles imaginaram uma era de liberdade sem precedentes e a volta de uma espécie de “estado natural” da sociedade. Hamili assegura que no círculo da razão capitalista há pouca margem aos utopistas e que tal razão transforma o homem em massa.

Para Hamili, o papel exercido pelo Estado e a intervenção do poder público contribuem para a sobrevivência da utopia neoliberal. Como elemento

que permite fugir das regulações e das relações sociais fundadas nas normas de mercado, defende a urgência do surgimento de utopias, de sistema de ajuda mútua, estabelecadora do vínculo social e desabilitadora do regime de domínio tradicional. A emergência de utopias abre os olhos ao futuro e mostra que não estamos sentenciados a habitar um mundo no qual, em nome da economia e do mercado, tudo o que é democrático é extirpado.

Sob o título *Responsabilidade social empresarial – utopia ou maquiagem?*, Álvaro Ramis desenvolve sua reflexão. Adverte que se há algum acordo a respeito do que seja a responsabilidade social e empresarial, está em torno do consenso sobre a polissemia do significado e sentido do termo. Contudo, no que se refere ao seu entendimento e valor, o que ocorre é dissenso. As corporações internacionais afetam a vida das pessoas comuns que sempre arcam com as consequências das crises e que, por conta disso, requerem das empresas sua responsabilidade social. Tal responsabilidade está para além da bondade do empresariado e do aspecto legal; decorre de uma espécie de “acordo social” que, se não for cumprido, gera a perda da legitimidade social e do poder concedido à empresa. Ramis defende a criação de mecanismos transparentes de comunicação e participação com a sociedade no aspecto de articular a gestão da ética na empresa, com três elementos básicos: um código ético que defina suas responsabilidades sociais e ecológicas; relatório de sustentabilidade e auditoria ética como instrumento de avaliação e análise e um comitê de ética com implicações na gestão ética.

Eric Dupin, em seu artigo *Uma nova utopia: o decrescimento, entre as ideias que abrem caminho com a recessão*, trata do debate sobre o decrescimento no espaço público. Tal debate originou-se de uma dupla crise que agitou o planeta: econômica e ecológica. As múltiplas crises geradas pela dinâmica do modelo de desenvolvimento vigente abrem uma nova discussão paradoxal: reduzir o crescimento ou diminuir a produção e conseguir atender a todos. Para os defensores do decrescimento, o desafio é viver melhor com menos, buscando alternativas geradoras de mudanças. Dupin (2010, p. 32) assegura que “a grande debilidade dessa bandeira consiste em não dizer nada sobre o futuro desejado” e que o caráter inovador e o impacto da tese do decrescimento contrastam com a influência reduzida das forças políticas que o incorporaram em suas pautas.

A temática do decrescimento possui vertentes distintas com divergências filosóficas e poucos são os seus partidários que arriscam descrever características da sociedade que almejam. Trata-se de substituir a concepção de um desenvolvimento econômico ditado pela dinâmica própria do progresso técnico

por uma lógica de arbitragem democrática. Segundo Dupin, liberais, socialistas e progressistas têm em comum a meta de aumentar as riquezas materiais, reduzindo a felicidade a um assunto de ordem privada. Se as sociedades humanas, confrontadas aos limites físicos da natureza, não questionarem esse pressuposto, abre-se a porta para um vertiginoso espaço de indeterminação política.

Um tema não menos instigante é desenvolvido no artigo *Uma antiga e perigosa utopia: a busca do filho perfeito*, de Émile Guyonnet. No centro dos debates desenvolvidos sobre a possibilidade de se ter o filho geneticamente perfeito concentram-se as decisões sociais. O autor reflete sobre leis de bioética vigentes, especialmente na Europa (França, Inglaterra, Alemanha) e Estados Unidos, que permitem o uso desse mecanismo para beneficiar pessoas acometidas de males genéticos raros. Guyonnet questiona em que aspectos a ciência médica que se dedica às questões dos determinismos genéticos, da clonagem terapêutica e da manipulação embrionária pode contribuir para a prevenção ou para a legitimação de discriminações sociais e aponta que há divergências até mesmo no interior desse campo científico, visto que “as decisões individuais têm um impacto coletivo.” (GUYONNET, 2010, p. 40).

No artigo *Marx contra-ataca*, Lucien Sève aborda a crise financeira de 2008 como uma demonstração do renascimento das ideias de Marx e admite que o sistema capitalista pode fracassar. Revela também a atualidade dos escritos de Marx, retomando o pensamento sobre as razões do renascer, do recomeço da história, de que ainda existem razões para sonhar. Sève questiona sobre a origem da crise e lança possibilidade de resposta tal como a deficiência do único sistema que rege a economia virtual, que possui suas raízes no real. Afirmo o autor que a crise inicialmente surgiu do endividamento estadunidense, por querer alimentar a propriedade privada, gerando a acumulação de riqueza por um lado e a miséria de outro. A crise se instalou na esfera do crédito, mas se originou na esfera da produção e na distribuição desigual do valor agregado entre o trabalho e o capital.

Sève se refere também à projeção de discursos moralizadores do capital e da regulação das finanças. Para ele, o capitalismo possui de indefensável e imoral a forma como se realiza a atividade humana, que cria as riquezas com um estatuto de mercadoria, com uma finalidade em si mesma. Para o autor, falar sobre a moralização da vida econômica implica atribuir ao Estado sua responsabilidade de restabelecer a regulação estatal. Não se pode conceber que o assalariado do capital produza a riqueza para outro e, simultaneamente, a sua própria pobreza material e moral: a isso Marx em sua fase de juventude atribuiu o caráter de alienação, o que mais tarde, em

sua formulação mais madura, configura-se como a reprodução incessante e a radical separação entre os meios de produção e os produtores; suas atividades produtivas e cognitivas que não são coletivamente controladas desde sua origem.

Sève finaliza seu artigo afirmando a necessidade de se superar o capitalismo; de se pensar uma nova forma de organização social, na qual os seres humanos descubram novas formas de associação e controlem juntos seus potenciais sociais enlouquecidos. Que os homens façam sua história e que não permitam que sua história os faça, visto que a vida somente pode ser mudada com a condição de se transformar verdadeiramente a sociedade.

O artigo que encerra a obra é de Cornélius Castoriadis e se intitula *A utopia da autonomia política: o indivíduo privatizado*. Nele, o autor aborda temas relativos à autonomia e à filosofia. Quanto à primeira, afirma que “é a interrogação ilimitada; que não se detém diante de nada e que se reafirma a si mesma constantemente” (CASTORIADIS, 2010, p. 51); e quanto à segunda, a filosofia, declara que ela só o é se expressar um pensamento autônomo. Sobre esses fundamentos, Castoriadis constrói sua reflexão retomando concepções desde o período clássico até os “tempos modernos” que geraram as ideias de soberania dos povos e criação das leis. Ele assegura que, se criamos as leis, podemos mudá-las. Contudo, nem tudo o que parece bom é efetivamente bom.

Castoriadis aborda a função da educação no processo de construção da autonomia e da liberdade. Inicialmente, a educação deveria sofrer uma transformação radical para erigir uma “Paideia da autonomia”, que a levaria a interrogar-se constantemente com conhecimento de causa, movida por uma paixão ou até mesmo um prejuízo. Tal ideal educativo não seria restrito aos pequenos, somente, pois a educação de um indivíduo em um sentido verdadeiramente democrático é um empreendimento que vai do nascimento à morte. Tudo o que ocorre durante sua vida continua a formá-lo e a deformá-lo.

A função da educação não é formar um indivíduo privatizado e cínico em suas relações com a política: envolve três esferas: *oikos* (lugar da família e da vida privada - casa); a *ágora* (lugar do encontro entre indivíduos; do público-privado) e finalmente *ekklesia* (o lugar onde o poder existe e se exerce, onde o poder político está depositado). A relação entre essas três esferas precisa ser flexível e articulada e só em um regime verdadeiramente democrático é possível articulá-los.

Enfim, o livro *Utopías. Antiguos y nuevos sueños*, editado por Dominique Vidal, é uma leitura que deve compor a “biblioteca” de todos aqueles que ousam sonhar com uma sociedade justa, visto que o homem é movido pela busca

do futuro; não de um futuro qualquer que lhe apresentam, mas um futuro por ele mesmo construído, não individualmente, mas em sociedade.